

# Cidade, Narrativas e Pandemia por Cartografias Afetivas

## *City, Narratives and Pandemic through Sensitive Cartographies*

### *Ciudad, Narrativas y Pandemia por Cartografías Sensibles*

**PINHEIRO**, Ethel

*Profa. Dra., Arquiteta e Urbanista, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, ethel@fau.ufrj.br*

**SANTOS**, Osmar

*Estudante de graduação, IC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, osmar.junior@fau.ufrj.br*

**VACQUES**, Desirèe

*Estudante de graduação, IC, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, desiree.vacques@fau.ufrj.br*

#### RESUMO

O artigo apresenta os resultados de projeto iniciado em 2019 e apoiado pela FAPERJ. A proposta inicial era mapear as ambiências afetivas no Rio de Janeiro. Com a deflagração da Pandemia, a impossibilidade de atuar na pesquisa de forma presencial exigiu uma reformulação da proposta e de sua metodologia. Esta passou a se apoiar na busca pela condensação de diferentes narrativas memoriais e no mapeamento dos espaços valorizados como "casa" e "cidade", por meio de abordagem remota (survey eletrônico), distribuída a diversos informantes. O método permitiu a exploração de dados georreferenciados e das consequentes relações de afeto associadas (saúde, esperança, desprezo, medo). Buscava-se descobrir as histórias cidadinas que foram interrompidas pela pandemia, assim como as impossibilidades de convivência numa nova realidade social. Descobriu-se, entretanto, que as histórias não foram interrompidas. Por isso, uma segunda etapa, presencial, realizada por meio de pesquisa qualitativa por croquis etnográficos, foi aplicada nos bairros mais mencionados pelos informantes originais, contrapondo assim a versão narrativa inicial com a visão dos pesquisadores, como sujeitos ativos e interpretativos. A pesquisa demonstrou que novos métodos de abordagem, com enfoque na pesquisa e no ensino, são necessários para suprir as exigências de temas emergentes nas cidades, estas, sempre em movimento.

**PALAVRAS-CHAVES:** pandemia; ambiências; narrativas; afeto; croquis etnográficos.

#### ABSTRACT

*This paper presents the results of a project started in 2019 and supported by FAPERJ. The initial proposal was to map the affective ambiances in Rio de Janeiro. With the outbreak of the Pandemic, the impossibility of conducting research in person required a reformulation of the proposal and its methodology. This was based on the search for the condensation of different memorial narratives and on the mapping of spaces valued as "home" and "city", through a remote approach (electronic survey) distributed to several informants. The method allowed the exploration of georeferenced data and the associated affective relationships ("saudade", hope, contempt, fear). The aim was to discover the city stories that were interrupted by the pandemic, as well as the impossibilities of living together in a new social reality. It turned out, however, that the stories were not interrupted. Therefore, a second stage was carried out through qualitative research using ethnographic sketches, applied in the neighborhoods most mentioned by the original informants, thus contrasting the initial narrative version with the*





researchers' vision, as active and interpretive subjects. The research demonstrated that new approach methods, focusing on research and teaching, are necessary to meet the demands of emerging issues in cities, which are always on the move.

**KEYWORDS:** Pandemic; ambiances; narratives; affection; ethnographic sketches.

## RESUMEN

El artículo presenta los resultados de un proyecto iniciado en 2019 y apoyado por FAPERJ. La propuesta inicial fue mapear los ambientes afectivos en Río de Janeiro. Con el estallido de la Pandemia, la imposibilidad de realizar investigaciones de forma presencial obligó a reformular la propuesta y su metodología. Este comenzó a basarse en la búsqueda de la condensación de distintas narrativas memoriales y en el mapeo de espacios valorados como "casa" y "ciudad", a través de un abordaje remoto (survey), distribuido a varios informantes. El método permitió la exploración de datos georreferenciados y las relaciones afectivas asociadas resultantes (saudade, esperanza, desprecio, miedo). El objetivo era descubrir las historias de la ciudad que fueron interrumpidas por la pandemia, así como las imposibilidades de vivir juntos en una nueva realidad social. Sin embargo, resultó que las historias no fueron interrumpidas. Entonces, se aplicó una segunda etapa, presencial, realizada a través de una investigación cualitativa utilizando croquis etnográficos, en los barrios más mencionados por los informantes originales, contrastando así la versión narrativa inicial con la visión de los investigadores, como sujetos activos e interpretativos. La investigación demostró que nuevos métodos de abordaje, centrados en la investigación y la docencia, son necesarios para atender las demandas de los temas emergentes en las ciudades, que siempre están en movimiento.

**PALABRAS-CLAVE:** Pandemic; ambiances; narratives; affection; ethnographic sketches.

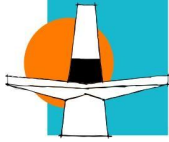
## 1 INTRODUÇÃO

Cidades grandes e irrigadas por relações conflituosas como o Rio de Janeiro revelam pontos dissonantes e em comum que, quando postos lado a lado, podem contribuir para a construção de abordagens mais promissoras quanto à questão de ampliar a atenção aos lugares urbanos de uso coletivo, tanto pelo viés do ensino, quanto pela pesquisa e extensão. Lócus de convivência da diversidade, mas também de respeito às desigualdades sociais, o espaço urbano público nas metrópoles não esgotou suas possibilidades de análise – como poderíamos supor pelas diversas quebras de paradigmas sobre o tema 'espaço'. Ao contrário, seu contínuo estudo parece apontar para a importância de considerá-lo como base de quaisquer desafios sociais/espaciais/culturais que se apresentem na contemporaneidade, mesmo na condição que nos encontramos hoje, no Brasil.

Cremos, então, que toda cidade é revelada por meio dos usos e das diferenças que residem em seus espaços públicos. Neste cenário que a Pandemia pela COVID-19 nos deixou, no século XXI, surgiu uma cidade que não podia parar de funcionar, mas, ao mesmo tempo, precisava afastar seus cidadãos do convívio ininterrupto nos espaços privados e públicos; cidade complexa e cheia de dilemas sociais, em especial nos países em desenvolvimento, mas, formuladora de critérios de distanciamento e reclusão para os cidadãos que podiam estruturar sua vida longe das relações socioespaciais. As cidades (conglomerados urbanos), sem dúvida, precisaram se ressignificar e reaprender a usufruir da dimensão coletiva na esfera pública durante este período de crise, como em tantos outros momentos da história urbana.

Ao pensar sobre essa nova condição cidadina no século XXI, e a necessidade de reformulação de metodologias aplicadas no campo da arquitetura e urbanismo, uma proposta de pesquisa para a construção de um 'mosaico de ideias' sobre esta (outra) cidade surgiu. Partindo de estudos que se debruçam sobre o mapeamento afetivo dos lugares e a potencialidade das ambiências na manutenção da vivência inerente à convivialidade urbana, como o Laboratório 'Arquitetura, Subjetividade e Cultura'





– LASC/UFRJ tem trabalhado há anos, apresentamos neste artigo os resultados de uma pesquisa que propôs a condensação de diferentes narrativas do lugar e a reinterpretação dos espaços valorados como “casa” e “cidade”, por meio de método de abordagem remota (survey eletrônico) – durante o período de isolamento social pela Pandemia (2020) - e depois retornou aos espaços públicos cariocas para verificação das narrativas pregressas, com a flexibilização do uso da cidade (2021-2022), como parte da pesquisa “Cartografias Afetivas: mapeamento da vitalidade urbana no Rio de Janeiro”, apoiada pela FAPERJ.

Tal método começou a ser desenvolvido durante o ano de 2020, com o apoio de estudantes de iniciação científica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, criando diferentes oportunidades de exploração relacionadas a dados imateriais (como o sofrimento psíquico de quem perdeu a mobilidade na cidade ou perdeu entes queridos, ou mesmo o ganho de ‘esperanças’ e confiança para um futuro das cidades) ou materiais (os lugares físicos em si). Intitulado “Cartografia de Histórias Interrompidas”, que é parte da pesquisa guarda-chuva, o objetivo central do método foi ampliar a Metodologia Etnodinâmica<sup>1</sup> em zonas urbanas afetadas pela Pandemia 2020.

Lidando com a ideia de coletividade que as ambiências evocam, a abordagem de apreensão sensível da narrativa sobre os lugares e a afetividade desenvolvida foi o grande enfoque. Buscou-se, então, na primeira etapa (2020), a partir das reminiscências dos informantes, construir um reconhecimento de “qual cidade estamos falando”, e de como os espaços livres e públicos eram interpretados num momento inicial da Pandemia. Tais reminiscências, ou bases narrativas, foram entendidas como expressão de uma sensibilidade de alteridade promovida pela memória no contexto de exploração do “Arquivo Mnemônico do Lugar” (UGLIONE, 2008), muitas vezes referenciadas por imagens que os informantes anexavam aos surveys (Figura 1).

Figura 1: Fotografia apresentada por informante na etapa 1, indicando a sensação de “liberdade” na cidade.



Fonte: Imagem recebida de informante, através do survey eletrônico, 2020.

Nossa ideia de arquivo mnemônico, por sua vez, está amparada nos registros angariados por meio de uma sondagem em formato remoto (survey), utilizada como estratégia de alcance em momento de distanciamento social no Brasil, em especial no Rio de Janeiro. Através da apuração dos resultados obtidos nas análises do survey (registros visuais – como fotos e desenhos, e textuais) aplicado entre agosto e setembro/2020, foram delimitados alguns campos necessários para a interpretação das

<sup>1</sup> Este termo foi cunhado em uma das anteriores pesquisas do LASC intitulada “Explorando Ambiências: caminhos de pesquisa e possibilidades metodológicas” agraciada com o Edital Universal 2008 / Edital MCT / CNPq No. 014/2008. Em resumo, a pesquisa buscou contribuir para o debate sobre a importância da interdisciplinaridade na pesquisa em arquitetura e urbanismo, apresentando ferramentas possíveis de serem replicadas por arquitetos e urbanistas – em conjunção à Etnografia – e que se baseiam na utilização de sistemas de observação do entorno físico através da filmagem, do croqui etnográfico e da observação ativa.



ambiências, sendo chamados de dados extrusivos, pois denotam o transbordamento dos valores espaciais junto às vivências e dilemas sociais. A segunda etapa da pesquisa, no final do ano de 2021 e ano de 2022, realizada de forma presencial, levou os pesquisadores aos bairros mais mencionados pelos informantes e baseou-se em outra ferramenta: os croquis etnográficos.

Figura 2: Croqui indicando a análise de viés etnográfico realizado no bairro de Vila Isabel.



Fonte: Giselle Lazera, 2022.

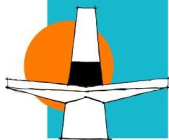
Assim, esta pesquisa pretende demonstrar as relações subjetivas e culturais entre os usuários das cidades e as ambiências produzidas por essas trocas (ou ausências), durante e após a Pandemia pela COVID-19, explicitando pelas cartografias as formas de construção identitária e revisões/manutenções da ideia de cidade e do Outro.

Destaca-se a relação do corpo mótil com o Lugar, a construção de novas possibilidades de Lugar – no sentido que Yi Fu-Tuan (1984) nos apresenta - e a forma como as pessoas ocupam o espaço físico e constroem novas ambiências, pois a forma de habitar o espaço passa a exigir uma atenção ao significado que esse espaço passar a ter, como abordado por DUARTE (2011).

Importa ressaltar que esta pesquisa ganhou peso por desenvolver-se em um momento de crise global, que clamava pela observação cada vez mais profunda da busca pela qualidade de vida urbana, pelo valor de comunidade e pelo desenvolvimento sistêmico das atividades que precisarão continuar a se reinventar nas cidades pós-pandêmicas, a começar pela noção de corpo e a função de espaços de convívio.

## 2 CIDADES EM CRISE E ESPAÇOS OUTROS

As Pandemias não são novidade no mundo. A maioria delas dizimou ou acabou exigindo a reestruturação social, econômica e arquitetônica de cidades inteiras em diversos períodos. Algumas epidemias e pandemias no período Clássico, Medieval e na fase contemporânea da história trouxeram a necessidade de muitas adaptações e foram gatilhos para mudanças profundas, nem sempre imediatas. Foram acontecimentos que demonstraram, muitas vezes tardiamente, a necessidade de pensar coletivamente a sobrevivência humana e dessa invenção incrível que é a cidade, para a urbanidade.



A abrangência da Pandemia no mundo, em especial no Brasil, reflete a ineficácia de medidas e resoluções, assim como a deslegitimação dos atos necessários para a proteção de grande parte da população, e a prerrogativa daqueles que podiam permanecer reclusos. Dito isto, não é novidade que a questão do esvaziamento das cidades, por algum tipo de isolamento exigido, muda de certa forma, seus usos e ocupações. No entanto, nenhuma cidade perdeu, de fato, seu movimento, mesmo diante das crises, pois todo espaço se estrutura por pessoas, ritmos e necessidades.

Espaço é movimento, como diversas teorias no campo da arquitetura e da fenomenologia pregam há mais de meio século. Quando cita-se “movimento”, dá-se referência à ação que possibilita criar o espaço que, por sua vez, é a distância percorrida por um objeto entre duas demarcações sucessivas. Se o movimento, portanto, é o que possibilita compreender o espaço, constrói-se este axioma. A medida dessa espacialidade é sempre mediada pelo corpo: o modo como se desloca, como percebe e se sensibiliza, como se configura (largo, leve, pesado, esguio) e também como age. Portanto, o conceito de espacialidade se refere ao enlace desses elementos: o espaço e o corpo em seu ritmo e seu tipo de deslocamento. Mas, acima de tudo, é preciso saber que sem deslocamento, o espaço não existe, não pode ser medido – e tal prerrogativa acende ao valor da construção de cartografias afetivas.

Aristóteles, em contraposição à teoria de Platão sobre chora<sup>2</sup>, afirma que nem espaço recluso ocupado por corpo, nem espaço vazio devem ser colocados como um princípio; hylé, termo cunhado por Aristóteles, é a extensão do movimento dos corpos, ou seja, tudo o que está entre um ponto e outro e que afirma uma ação. O espaço, dessa forma, só é entendido pelo movimento que o fabrica.

Para entender como analisar os espaços, entendidos como “outros” nesta pesquisa, uma vez que no momento da Pandemia pela COVID-19 foram ressignificados, a memória foi inserida no contexto, por seu poder narrativo. Através da reminiscência – conceito presente no método ‘Arquivo Mnemônico do Lugar’ (UGLIONE, 2008) – é possível entender que as memórias dispõem de uma expressão de sensibilidade que deriva da alteridade e se expressa pela sensorialidade. Tais expressões, nesta pesquisa, foram registradas através da primeira etapa, realizada a distância, por surveys eletrônicos.

Huysen (2014) menciona em sua obra "Culturas do passado-presente" que vivemos uma "crise do futuro", que pode retirar a confiança nos processos não realizados no passado, o que torna o presente uma eterna busca. Neste sentido, acionar os traços de memória vivenciados de forma profunda e positiva (dos espaços e dos fatos) no passado é também o resultado de uma busca por segurança espacial. Por isso, a ideia de memória é amparada na fabricação de narrativas, onde os registros (os arquivos) baseados em processos memoriais (mnemônicos) se converteram em histórias que demonstram essa segurança. As respostas de informantes e também as observações sobre as narrativas, realizadas pelos pesquisadores desta pesquisa, se beneficiaram desses arquivos construídos como forma de entender o cenário atual de interpretação das cidades.

Figura 3: Croqui de um dos espaços do bairro de São João de Meriti, mencionado por informantes pelo survey.

<sup>2</sup> Platão apresenta esse conceito de “container” ao falar do conceito de chora, uma ideia de espaço situacional: “Entreve-mo-la como num sonho, dizendo que é necessário que tudo aquilo que ‘É’ esteja num lugar determinado, ocupe um certo sítio, e que aquilo que não está nem sobre a terra, nem em algum lugar debaixo do céu, não é nada.” (PLATÃO, 2011, p. 277).

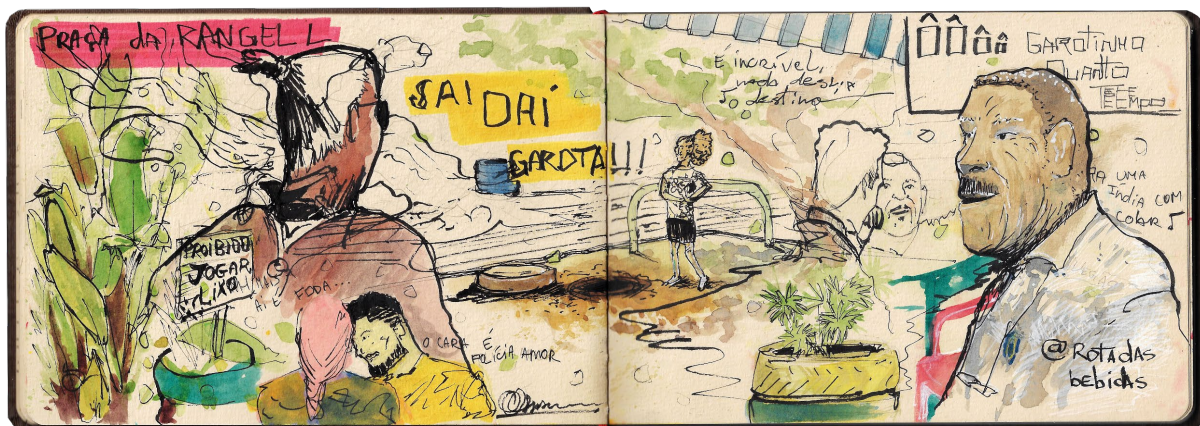




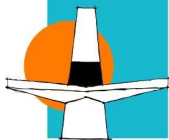
Fonte: Gabriel Mesquita, 2020.

O croqui etnográfico, por sua vez, utilizado na segunda etapa, proporciona um registro sensível que se dá a partir da conexão entre quem desenha e o movimento que acontece diante do tempo e do espaço. Tal ferramenta gráfica proporciona uma sintetização da memória a partir do olhar do interlocutor. Essa síntese mnemônica desempenha, sobre o papel, uma expressividade que vai além da atividade sensorial dos olhos, mas atinge também subjetividades do próprio arquiteto-etnógrafo enquanto sujeito de sua memória, que narra memórias anteriores e até posteriores. Essa ação configura o observador como um canal entre o acontecimento registrado, somado às sensações de quem registra, o que evidencia a proposta desta pesquisa, como algo pertinente para a realização de interpretações mais humanizadas (subjetivas) da realidade do espaço e tempo, a partir de um olhar arquitetado pela alteridade (Fig. 4).

Figura 5: Croqui etnográfico do bairro de Bangu, bastante mencionado pelos informantes em 2020.



Fonte: Osmar Santos, 2022.



Este envolvimento entre quem observa e desenha só é possível a partir da descrição etnográfica, que imprime a prontidão do traço e das interpretações do momento de análise de cada observador, em cada lugar em tempos diversos. Utilizar dessa ferramenta durante os momentos que envolvem Pandemia e o que chamamos de Pós-pandemia abre possibilidades interpretativas distintas, pois coloca em voga as experiências vividas durante um momento de atuação das representações imagéticas, em contraposição à realidade observada. É sempre esclarecedora a compreensão de um lugar através de seus variados momentos de observação.

A valoração do espaço, portanto, especialmente em momento de revisão proporcionado pela Pandemia, permite evidenciar “espaços outros” que surgem pela reestruturação da função atribuída por novas ocupações ou desejos de vivência do espaço social, político e experiencial, contribuindo para a ampliação de sua capacidade explicativa e propositiva. Chamamos de “valoração do espaço” justamente a relação dimensional que permite compreender a posição de categorização do papel de cada estrato físico diante de uma mudança do sujeito, pois, trata-se de mudar o foco das análises “rumo ao estudo das relações sociais de produção e suas formas de manifestação” (SAAD-FILHO, 2011, p. 50).

## 2. QUESTÃO DE MÉTODO – Histórias Interrompidas?

Para se entender o mundo por uma determinada subjetividade, como explicita Pinheiro (2010, p. 54) é necessário buscar os aspectos sensíveis que moldam o mesmo mundo (urbano), assim como a estrutura interna e relacional de todo corpo que habita esse espaço. A busca por dados mensuráveis no espaço urbano (como a amplitude, a temperatura ou o zoneamento espacial), associada ao olhar sensível do arquiteto e urbanista, resultam numa melhor experiência humana. Experiência essa, que se torna qualitativamente analítica através de pesquisas que utilizam o viés etnográfico, por meio de anotações, registros gráficos, ou do contato proximal entre formas sensoriais (pela fotografia, pelo vídeo ou pela narrativa oral), que despontam traços de memórias.

A metodologia desenvolvida no projeto “Cartografias Afetivas: mapeamento da vitalidade urbana no Rio de Janeiro”, se apoiou inicialmente na definição das perguntas condizentes com a busca de respostas tanto para pesquisas quantitativas, quanto qualitativas. Esta primeira fase tomou os meses de abril a maio de 2020, em reuniões remotas de toda a equipe, como forma de definir a estratégia mais adequada. Assim que o formulário foi construído, em modelo ‘Google Forms’, com solicitação de dados objetivos e também de informações sensíveis (percepção de cidade atual, sensações relativas à vivência, reminiscências, etc.), por volta de junho de 2020, um teste-piloto foi aplicado a um grupo focal de estudantes de pós-graduação para, em seguida, com os devidos ajustes, foi replicado livremente em agosto de 2020 em diversas redes sociais, websites do grupo de pesquisa LASC (<https://lasc.fau.ufrj.br/>) e PROARQ (<https://www.proarq.fau.ufrj.br/novo/>).

A etapa seguinte ao teste-piloto foi de discussão da equipe, de modo a encontrar uma plataforma com permissão de entrada de dados por múltiplos usuários, para um "input" livre, realizado diretamente pelos próprios “contadores das histórias”, e se possível, que facilitasse a manutenção e análise dos dados espaciais a partir das categorias narrativas presentes nos discursos. Esse processo se chamou “georreferenciamento participativo”.



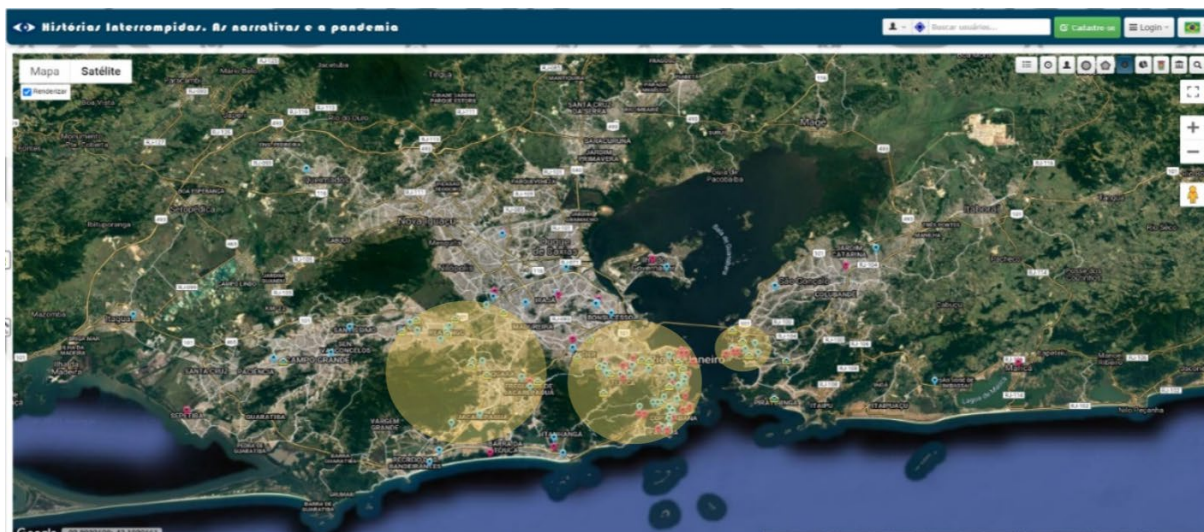
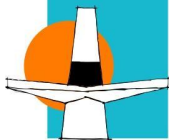


Figura 6: Concentração dos maiores grupos de informantes (zona central/norte, sul e oeste do RJ, e Niterói).

Fonte: <https://www.viconsaga.com.br/covid19>, autores, 2020.

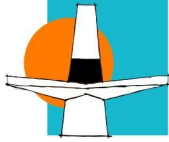
Para conquistar os objetivos esperados, o critério de escolha de plataformas baseou-se em encontrar ferramentas com as seguintes características:

- 1) operacionalizado por múltiplos usuários;
- 2) acessível pela maior parte da população;
- 3) com possibilidade de elaboração de um formulário online;
- 4) permissível à construção de um banco de dados organizado, a fim de facilitar o geoprocessamento;
- 5) passível de publicação e disponibilização do projeto desenvolvido na plataforma ao público.

Uma vez que nenhuma plataforma conseguiria reunir as ações de coleta de informações e disposição georreferenciada, decidimos organizar esses processos em 2 plataformas/ferramentas distintas, 'Google Forms' e 'Viconsaga'. Usamos o 'Google Forms' no processo de aquisição dos dados geoprocessados, e o 'Viconsaga' no processo de georreferenciamento dos dados no mapa. Através dessas ferramentas conseguimos elaborar um novo formulário em modelo survey, com Termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com as diretrizes do Conselho de Ética, contendo perguntas que pudessem fornecer respostas para um melhor entendimento sobre as relações sensíveis presentes na vida dos informantes.

Cabe, no entanto, explicar, neste momento, por que esse método foi denominado de "Cartografia de Histórias Interrompidas". Esperávamos, antes do lançamento do formulário, que muitas devolutivas nos fariam perceber a quantidade de histórias de luto, dor ou afastamento da cidade por conta do início do isolamento produzido pela Pandemia no Brasil, e o quanto isso impactaria a vida dos cidadãos e o uso do espaço público urbano. No entanto, as histórias interrompidas não foram demonstradas como esperado e esta pesquisa acabou por se desmembrar em diversas outras possibilidades, a partir da análise das respostas obtidas com o formulário e o retorno aos espaços físicos mais cotados na etapa de survey.

Após a recepção de mais das respostas submetidas por moradores de diversas localidades na região sudeste do Brasil, em grande maioria do Rio de Janeiro, pudemos tabular, delinear e analisar todas as perguntas à luz dos dados quantitativos e qualitativos. Através da plataforma 'Viconsaga' conseguimos finalmente georreferenciar as respostas registradas via survey (<https://www.viconsaga.com.br/covid19>) e construir uma cartografia tanto geográfica quanto sensível, uma vez que cada pontinho delimitado no mapa (Fig. 1) demonstra as sensações e



as relações de pertencimento, por meio de uma valorização da própria casa ou de espaços públicos circundantes a essa casa, delimitados pelas cores rosa e azul do gráfico.

O resultado final congregou 128 respostas de respondentes de diversas regiões do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, tendo como resumo o georreferenciamento de pontos que delimitam o local de moradia e os locais valorados pelos respondentes, que por opção de pesquisa foram concentrados no Rio de Janeiro e abraçaram diversos bairros e regiões como Grajaú, Cachambi, Ilha do Governador, Urca, Botafogo, Copacabana, Mesquita, Deodoro, Realengo, Campo Grande, Duque de Caxias, Teresópolis, Petrópolis e Volta Redonda. O resultado desta etapa da pesquisa pode ser verificado em: <http://lasc.fau.ufrj.br/agenda-lasc/275/video-lancado-pesquisa-em-andamento-cartografia-de-historias-interrompidas>.

Após a análise dos dados e a construção de um entendimento da cidade “interrompida”, a pesquisa continuou numa segunda etapa, com a aplicação do método de croquis etnográficos. Para desenvolver a etapa de errâncias urbanas (BENJAMIN, 1994), foi necessário reconhecer as categorias mais mencionadas pelos informantes, por bairros, e enquadrar as escolhas de observação. A fim de visitar posteriormente os lugares mencionados e através do registro etnográfico, confirmar a veracidade das respostas dos participantes com relação aos afetos e usos do espaço. O conjunto de croquis etnográficos desenvolvido conseguiu demonstrar que algumas práticas mudaram, outras se mantiveram, e que a vitalidade do espaço público, designada como “fonte de segurança”, se intensificou nas zonas em que há ausência de espaços de lazer. Cremos, assim, na necessidade de repensar o papel das cidades, investindo nos espaços livres como fonte de resposta para grandes problemas urbanos.

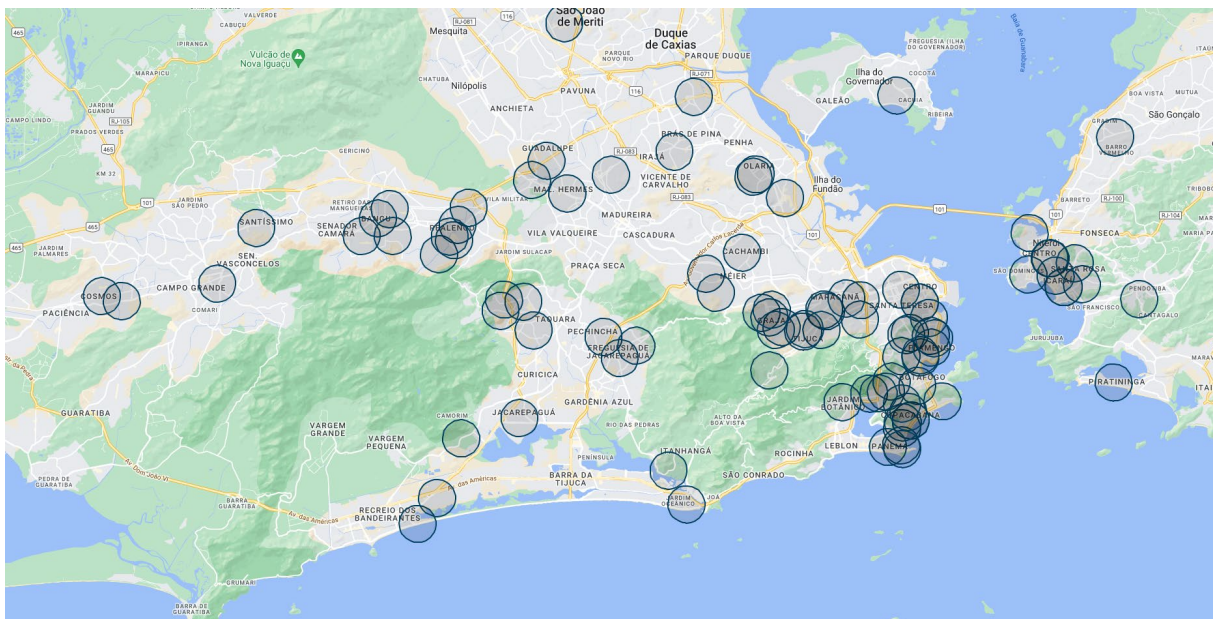


Figura 7: Delimitação dos respondentes georreferenciados pelo ‘Visconsaga’, localizados em maioria na capital do Rio de Janeiro, mas também em outros municípios do Rio de Janeiro, em São Paulo e no Espírito Santo.

Fonte: <https://www.viconsaga.com.br/covid19>, autores, 2020.

### 3 ANÁLISES

A partir dos depoimentos coletados pelo survey de 2020, conseguimos ampliar a circunscrição de narrativas, de modo que os afetos foram direcionados a espaços físicos a partir dessas, sendo estes, em grande parte, saudosos às experiências vividas no espaço público anteriormente ao isolamento promovido pela quarentena, nas cidades. Muitos acometeram suas sensações ao espaço “valorado” da casa, onde passaram a estar o maior tempo de seu



dia devido às mudanças na rotina em decorrência do isolamento e, igualmente, procuraram ressignificar a casa – assumindo a calçada ou a praça em frente como seu campo de vida.

A predominância de respostas nesta primeira etapa de pesquisa foi na capital do Rio de Janeiro (Fig. 2). O segundo passo, desta primeira etapa, foi classificar as localizações fornecidas em local de valoração intitulados “casa valorada” e “lugar valorado”, sendo este último constituído por algum lugar da cidade (espaço de uso público coletivo), citado pelos informantes como o espaço em que a cidade parecia ressignificada. O local de moradia ao qual nos referimos é o dado localizável que aponta a origem de moradia do informante. A maior parte dos respondentes da pesquisa mora no Rio de Janeiro, sobretudo nas zonas mais notáveis da cidade, como centro e zona sul. Bairros como Vila Isabel, Niterói, Barra da Tijuca, Bangu, Laranjeiras e Flamengo também apresentaram dados significativos.

Nas categorias de “casa valorada” e “lugar valorado” foi possível perceber melhor as relações sensíveis presentes na cidade. Damos o nome de “casa valorada” aos lugares em que o ambiente de moradia foi também o maior protagonista nas relações sensíveis. Por outro aspecto, classificamos como “lugar valorado” os espaços potenciais que não pertenciam à própria casa, mas eram entendidos como “casa” neste cenário de Pandemia.

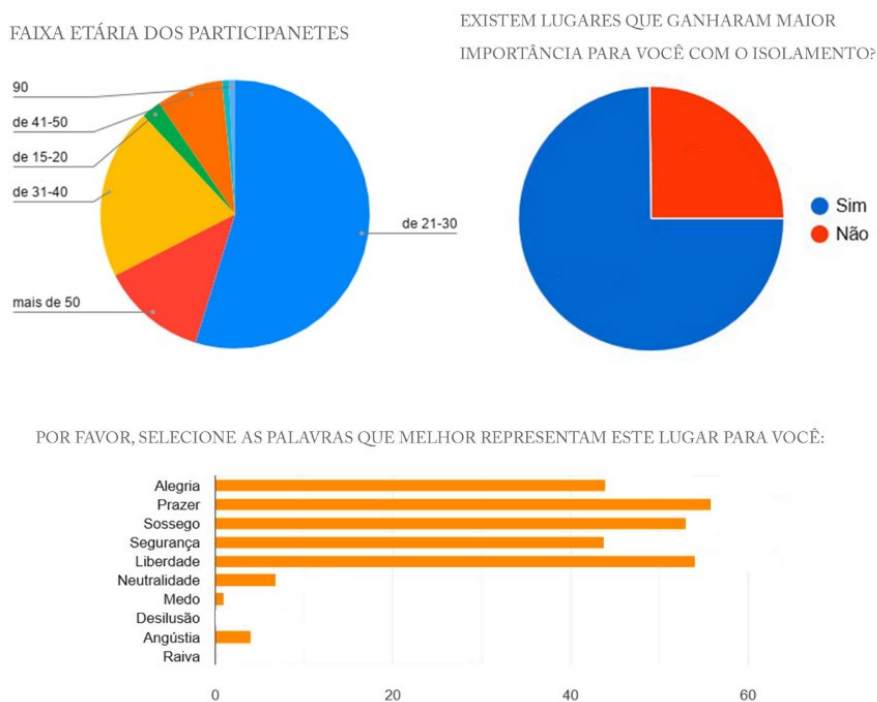
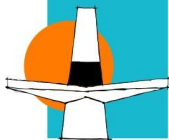


Figura 8: faixa etária predominante dos informantes da pesquisa e dados relacionados à resignificação espacial.

Fonte: Gráficos do google forms, autores, 2020.

A pesquisa mostrou, neste início, que dois dilemas espaciais residem nos praticantes: os lugares de uso coletivo (que ainda resistem ou que ficaram impossibilitados) e as casas/residências. Os conceitos de *chora* e *hylé* se fizeram presentes nas respostas, mostrando a dificuldade de entendimento do que é possível fazer ou não, do que é espaço circunscrito ou não, numa fase de grandes exigências sociais, econômicas e também psíquicas, pois ninguém passa ileso às afetações de tamanha mudança.

As narrativas obtidas proporcionaram entendimentos de diversas mudanças na percepção do cotidiano, e na visão de lugar habitável que as pessoas tinham. As mudanças de cotidiano, como parte do tópico de perguntas, foram notadas pelos participantes a partir de uma perspectiva espacializada e sensibilizada, de modo que narrar o espaço se tornou algo mais poético, e com a evidência de que as sensações se tornaram parte da



experimentação de cada lugar específico. As narrativas, sempre envolvidas por expressões dos sentidos como cheiros, sons ou visão, foram objeto de análise (Fig. 3).

Se para alguns informantes o local de moradia foi também o lugar que despertou maior estado de mudança, para outros foi a perda/falta de vivência dos lugares da cidade que se mostrou significativa. As respostas de luto ou de angústia, como esperávamos, não foram significativas em nossos mapeamentos. Pelo contrário, foram tão poucas que não demonstraram mudanças nas relações afetivas para com a cidade, mantendo intactos o desejo de movimento e esperança, muitas vezes realizados sem controle algum.

As relações de insegurança, medo ou angústia declaradas, como se atesta pela Fig. 3, foram muito poucas, sendo geralmente ligadas aos informantes que escolheram sua própria casa como dimensão espacial mais afetada e que, invariavelmente nesta pesquisa, residiam em regiões conhecidas como periféricas no Rio de Janeiro. Para esses, a noção de espaço público é muito truncada, pois a “rua vira casa”, como Marco Antonio Mello e Arno Vogel (1980) poderiam dizer.

As mudanças no cotidiano envolveram algumas categorias de respostas que foram elencadas para melhor observação do que se pretendia adquirir. Quando percebia-se o conceito de Liberdade, o espaço livre público se mostrava enquanto descompressão; obtivemos, neste sentido, a certeza de uma liminaridade entre o dentro e o fora, entre o público e privado, ou “a casa e a rua” (DAMATTA, 1997) :

Quando consegui sair e pisar na rua me senti emocionada, aliviada, o mundo parecia mais bonito. Até esqueci do coronavírus. Mas em outros lugares, como médicos ou no interior de edifícios, me senti apreensiva sem querer encostar em nada. Parece que o corona só existe nos espaços fechados... É a sensação que tenho. Nos espaços ao ar livre, parece que fico hipnotizada com a bênção de ter o céu acima da cabeça e um horizonte maior (Informante M).

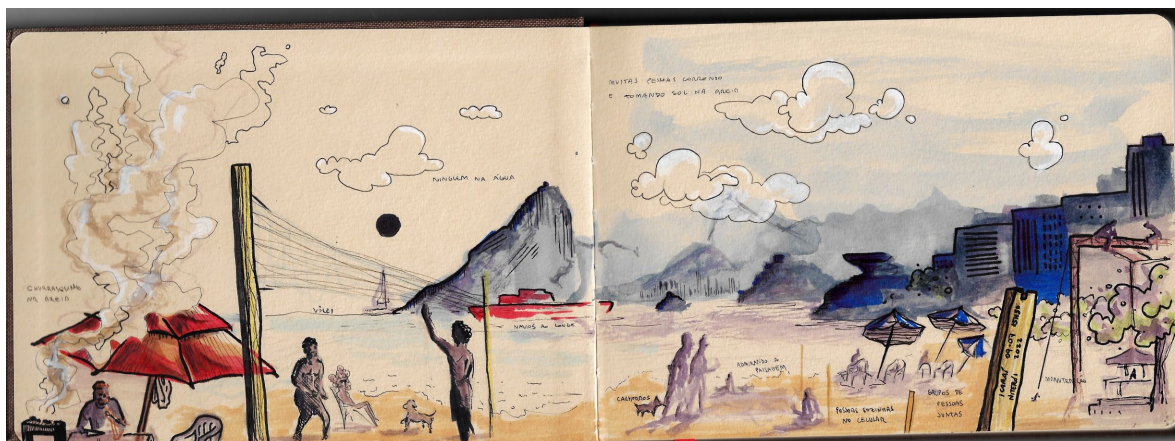


Figura 9: Croqui feito por Giselle Lazera, 2022.

Sobre uma possível nova relação de espraiamento da moradia, encontramos narrativas que se desmontam como dicotomias:

“Estou bem mais limitada ao espaço da cidade mais próximo da minha casa. A insegurança de andar de ônibus diminuiu muito minha circulação em áreas que só são acessadas por esse meio de transporte” ( Informante B)

Ou então formas de expressar a saudade de vivências anteriores daquele mesmo espaço:

“Deixei também de vivenciar as festas de rua que não existem mais nesse contexto. Senti que meus trajetos passaram a se definir por ruas, ou calçadas onde a circulação de pessoas é mais baixa, e a preferência por procurar espaços públicos amplos e arborizados para caminhar” (Informante B).

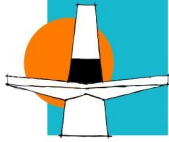


Figura 10: Croqui feito por Andressa Domingues, 2022.

Tais informações, associadas ao contexto espacial apresentado pelos informantes, demonstraram que a sensação de segurança foi ressignificada por um “estar perto de casa”, bastando isso para chamar de casa o seu espaço físico. No entanto, ao tomar a moradia enquanto sinônimo de aprisionamento e de falta de acesso ao lazer, a interrupção de algumas atividades e, conseqüentemente, a alteração na sensação de movimentação corporal de alguns participantes trouxe uma sensação de estagnação no tempo e a busca por mudar seu espaço físico:

“Sedentarismo e tédio pela impossibilidade de sair de casa. Também precisei mudar de residência, pois um de meus parentes não respeitava a quarentena” (Informante M2).



Figura 11: Croqui feito por Bianca Rocha, 2022.

Para a segunda etapa, realizada presencialmente, foi validado o método de análise dedutiva, que consiste no raciocínio lógico-hipotético de nova análise das respostas do survey a partir dos pesquisadores em campo. Através de teorias já ancoradas nos estudos do laboratório (LASC/UFRJ), pudemos construir e correlacionar algumas categorias de análise, que permitiram elucidar as respostas desta pesquisa. Foi possível classificar os bairros analisados quanto às mudanças que a Pandemia trouxe para a vida pública ou a manutenção das narrativas antes emitidas, por meio da sondagem constante promovida pela observação participante e croquis etnográficos.

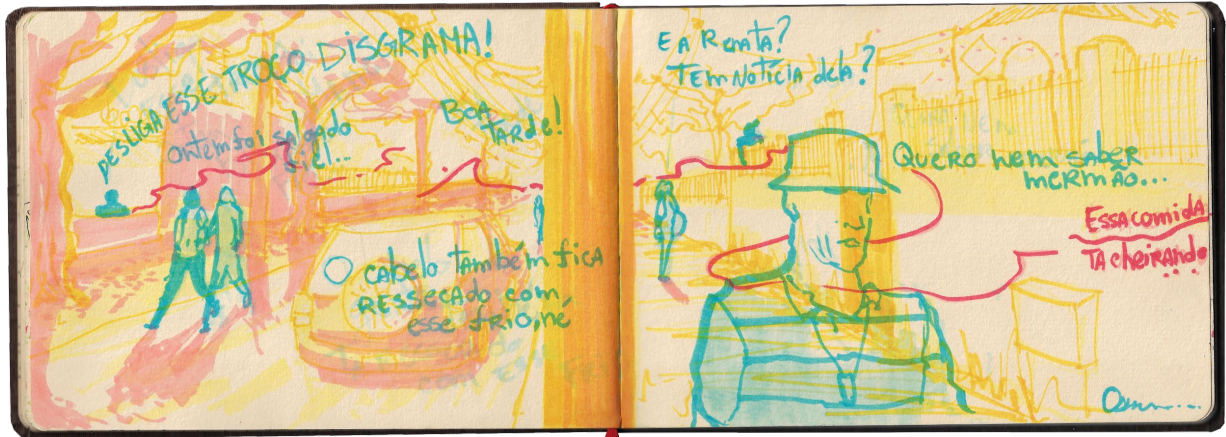
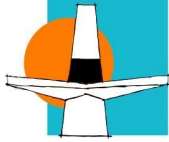


Figura 12: Croqui feito por Andressa Domingues, 2022.

Após entender quais foram os bairros mais citados, adiciona-se uma nova categorização com as narrativas dos bairros mais citados. A partir disso, obteve-se a classificação dos afetos e sensações presentes nestas narrativas. As classificações sucederam a partir dos tópicos “Atividades/Afetos”, em que as categorias se deram por:

- Habitar / citar o espaço interno
- Relação com o próximo
- Ressignificação do lugar
- Segurança
- Prazer
- Atividades físicas (ao livre)
- Isolamento / solidão ou algo do tipo
- Liberdade
- Prisão
- Falta / Saudade

Dividiu-se os bairros para cada observador participante, sendo cada um direcionado a realizar a observação para cada bairro específico previamente combinada pelo grupo de observadores. Para facilitar um vínculo entre os bairros citados, optou-se pela setorização da cidade do Rio de Janeiro em 4(quatro) zonas;

- Zona litorânea
- Zona central
- Zona norte
- Zona oeste

Ao considerar essas categorias, os componentes da pesquisa, também os observadores se propuseram a ir aos bairros citados, para averiguar a veracidade dos discursos captados pelos survey. Observou-se a apropriação do espaço, as atividades ali presentes, e as relações de afetos que contemplavam tais lugares, mediante as ferramentas de análise cartográfica e etnográfica. Os locais foram visitados em momentos distintos dos dias, em dias e horários alternados, pela necessidade de prever a captação de diferentes ambiências para cada contexto, ou seja, cada espaço público teve diferentes observadores em diferentes momentos, para maior obtenção de informação daquele espaço em específico. Como exemplo, as visitas foram feitas ao menos 1(uma) vez entre segunda-feira e sexta-feira, e posteriormente, ao menos uma vez entre sábado e/ou domingo, para obter informações com aspectos que dizem respeito sobre as atividades culturais e comerciais distintas ao longo de cada semana. Sobre os horários propostos, geralmente eram feitas 1(uma) visita em horário diurno, e a outra visita em horário noturno, respectivamente.

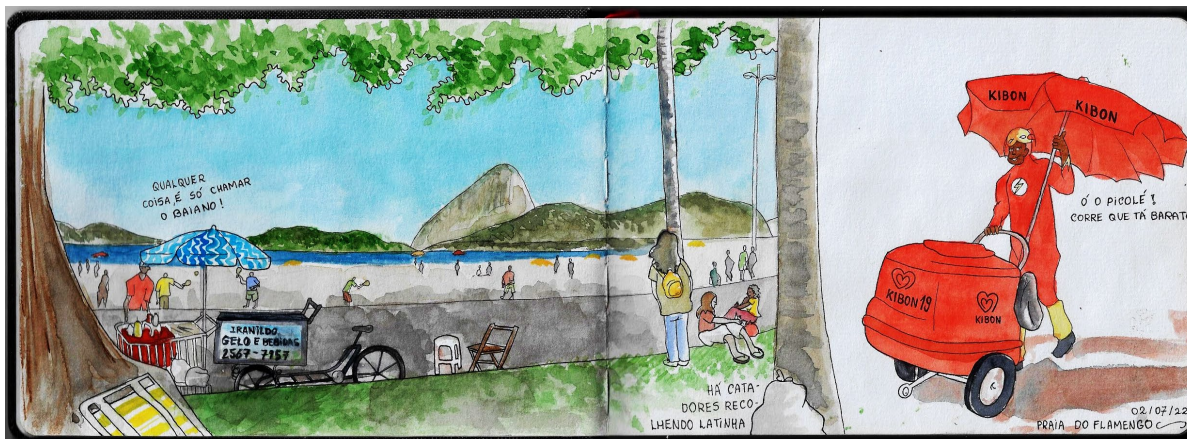
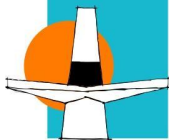


Figura 13: Croqui feito por Andressa Domingues, 2022.

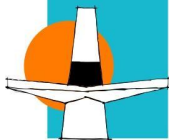
Durante as derivas foi observado que, nas zonas litorâneas, onde a praia foi mais representada, percebeu-se uma grande mudança nas relações sensíveis e espaciais. Na Barra da Tijuca, Ipanema e Flamengo, as narrativas versavam sobre segurança, prazer e relação com o próximo. Durante as visitas (dias de semana e alguns feriados) foi observado que as relações entre as pessoas e a praia não era mais a mesma, pois estando mais vazia e com poucas pessoas nos quiosques, demonstrou-se que novas escolhas de permanência foram feitas. Ao adentrar os bairros, foi percebida uma relação mais íntima das pessoas com as praças/calçadas próximas às residências. Aos finais de semana, o uso das praias era retomado, porém, não foi verificada a mesma intensidade de antes. Em bairros centrais percebeu-se relações de distanciamento e resignificação do lugar; sentimentos como falta/saudade das experiências vividas no espaço público, anteriormente ao isolamento, demonstraram o impacto das mudanças nas práticas sociais, no que tange à vitalidade urbana - e, ainda mais, pelo crescimento do número de pessoas em situação de rua.

## CONCLUSÕES

Há uma “cidade outra” dentro das cidades pós-pandêmicas? O estudo comprova que sim. Não seria necessário uma pesquisa tão abrangente para afirmar isso, mas é importante ressaltar que as pesquisas nos levam aonde as conjecturas não conseguem: elas colocam dados quantitativos e qualitativos à disposição dos questionamentos. O método “Cartografia de Histórias Interrompidas” permite afirmar, sem dúvida: espaço é movimento e a noção de ‘casa’ é bastante relativa no Brasil. Lidar com essa afirmativa permite entender que as cidades brasileiras ainda resistem, com erros e percalços de toda ordem, aos dados de outubro de 2020 sobre a COVID-19:

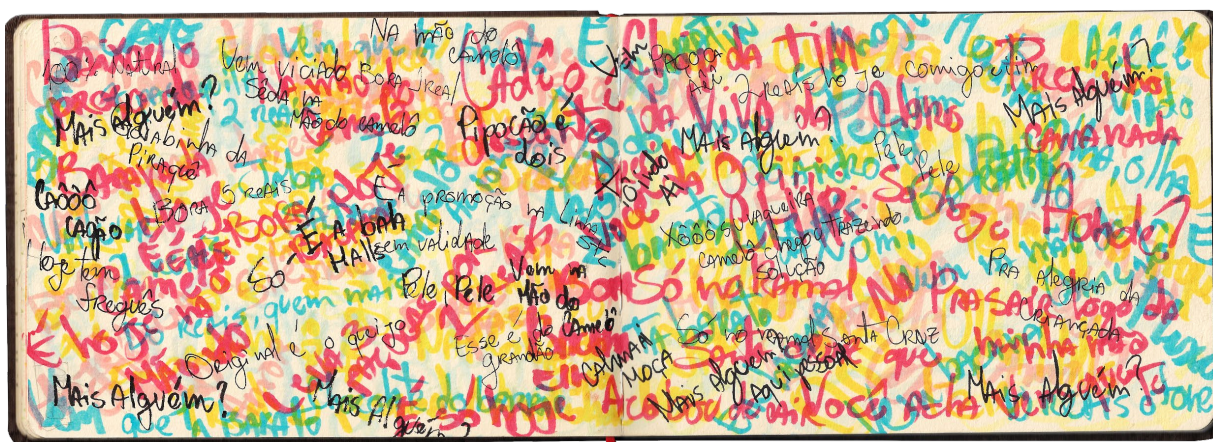
Tais números poderiam trazer sentimentos de reclusão, desesperança e insegurança, desde outubro de 2020, como aqueles mais representativos para nossos informantes, mas, de fato, não foram. O papel da esperança ou da resignificação se mostrou mais forte em todas as situações, por um esforço de possibilitar soluções de uso da cidade, mesmo diante da necessidade de isolamento que, como sabemos, não foi totalmente cumprido.

O impacto social promovido pela consolidação de um método de análise desenvolvido de forma remota, e ainda assim qualitativo, e a aceitação de novos conceitos voltados para os aspectos sensíveis do mundo urbano representam, neste momento da Pandemia, um aumento da importância dos espaços públicos. Este estudo mostra, assim, a importância da qualidade da experiência ambiental coletiva no campo social, político e científico das cidades brasileiras. A certeza de que uma nova etapa da pesquisa precisa se debruçar sobre o progresso de uma nova relação com os espaços citadinos no Rio de Janeiro e em outras metrópoles brasileiras nos instiga a continuar pensando sobre o tema.



Como desdobramentos em um breve futuro, espera-se aprofundar respostas com os informantes que passaram a ressignificar as áreas ao redor da casa como “casa valorada”, e adentrar no método de croquis etnográficos para entender a nova situação de cidade, ainda pandêmica, porém já imersa num novo ritmo citadino.

Figura 14: Registro gráfico de falatório dentro do trem.



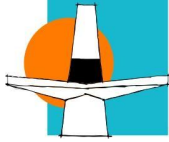
Fonte: Osmar Santos, 2022.

Sabemos, sobretudo, que cidade é uma invenção humana e representa muito mais que sua localização geográfica, densidade populacional e estatutos. Toda cidade reside em suas relações e fenômenos sociais, culturais e econômicos, sendo tecida por histórias que são cotidianamente sobrepujadas pelas narrativas, muitas vezes fabulosas, de vidas que também ajudaram a construí-la. Cidades tem nomes, não apenas aqueles aferidos oficialmente, mas aqueles que nos permitem entender as virtudes, defeitos e efemérides de sua dimensão simbólica. Assim como as “Cidades Invisíveis” de Ítalo Calvino (1972) foram nomeadas por seus desejos, sua memória e seus símbolos (Doroteia, Zirma, Despina, Zorma, Tamara, Eudóxia, Isaura e tantas outras), as cidades de hoje estão sendo nomeadas por suas novas rotinas, e estão interrompidas, mais do que suas próprias pessoas.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Becoming and being hopeful: towards a theory of affect.** *Environment and Planning: Society and Space*, volume 24, pág. 733-752.
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis.** Rio de Janeiro 1972
- DUARTE, Cristiane. *Moldagem do Lugar, remodelagem do olhar*, 2011
- MELLO, M. A; VOGEL, Arno. 1980 **Quando a rua vira casa - A apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**, Rio de Janeiro: EdUFF, 2017.
- HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- HUYSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória.* Trad. Vera Ribeiro. 1. edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.
- DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, 1997
- HAYS, J. N. J.N. *Epidemics and pandemics: their impacts on human history.* NY: ABC Clio, 2006.





LAVALLE, A. G. As dimensões constitutivas do espaço público: uma abordagem pré-teórica para lidar com a teoria. In: Espaço & Debates 46. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, 2005, v. 25 n. 46 jan./jul. 2005. p. 33-44.

LE GOFF, J. História e memória, 1924. Tradução: Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PINHEIRO, E. Cidades 'Entre'. Dimensões do Sensível em Arquitetura ou a Memória do Futuro na construção de uma cidade. Tese de Doutorado (PROARQ/Universidade Federal do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro, 2010.

TUAN, Yi-Fu. Dominance and Affection: The Making of Pets, 1984, Yale University Press

PLATÃO. Timeu-Crítias. Trad. do grego de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

SAAD-FILHO, A. O valor de Marx. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

UGLIONE, P. Arquivo mnemônico do lugar: memória e história na/da cidade. 2008, Tese (Doutorado em Arquitetura). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.





# 11º PROJETAR 2023

JOÃO PESSOA | PARAÍBA | BRASIL

11º SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETAR  
PROJETAR HOJE: PARA QUEM, PARA QUÊ, COMO?  
JOÃO PESSOA, PARAÍBA, BRASIL.

